

MATEADA JUNINA NO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO – QUAL DISCURSO FOI COMUNICADO?

CARLISTON LIMA RIBEIRO¹; ANDRÉA CUNHA MESSIAS²;
BEATRICE GAVAZZI RIBEIRO³; THIAGO BARWALDT CARDOZO⁴;
DIEGO LEMOS RIBEIRO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – estrellavideofilmagens@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – beatrice.gavazzi@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – tbc.faculdade@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como objetivo relatar as atividades extensionistas desenvolvidas pelo Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), localizado na Serra dos Tapes- RS. O MHMR é uma pequena instituição municipalizada que, através da salvaguarda de patrimônios, transforma-se em um espaço de refúgio para a memória local. Sobre o município interessa dizer que, segundo publicação do último censo demográfico realizado pelo IBGE, a Cidade possuía, no ano de 2010, 6.227 moradores constituídos principalmente por descendentes de imigrantes portugueses, alemães (a maioria pomeranos) e italianos. Faz-se importante mencionar, embora não tenha sido mencionada pela fonte citada anteriormente, que o município possui um Quilombo urbano abrigando 53 famílias e que a população autóctone corresponde aos Guarani. Retirar da invisibilidade etnias que são comumente esquecidas pelos moradores locais constitui um dos principais objetivos do Museu e relatar o campo de conflito e as soluções encontradas para representarmos os indígenas, configura-se como o objetivo desta comunicação.

Ancorado na prática da Museologia Social, o MHMR estimula o protagonismo comunitário em suas ações museográficas e museológicas, principalmente ao planejar conjuntamente atividades que tenham como objetivo maior integrar as comunidades e o Museu, através da comunicação dialógica CURY (2005). Analogicamente, o Museu se alinha ao modelo de comunicação intermuseal, conceito sistematizado por Roque (2010), no qual emissor (Museu) e receptor (público) são considerados agentes do processo comunicativo, em uma ação cooperativa e horizontal. Desta mirada, o público que, outrora, apenas consumia cultura assume protagonismo nas ações preservacionistas, transformando-se em produtores de memórias e patrimônios (FUNARI, 2007)

Mensalmente, o Museu, em parceria com o CRAS, o Conselho de Idosos, a Prefeitura Municipal, a Associação Amigos da Cultura, o Projeto de Extensão: “Museu Morrorredondense – Espaço de Memórias e Identidades” - que conta com o apoio técnico e científico do Curso de Museologia e de Terapia Ocupacional, ambos vinculados à Universidade Federal de Pelotas - realiza o Café com Memórias, momento no qual moradores idosos participam de atividades expressivas que envolvem atividades de “revisões de vida” (PEREZ & ALMEIDA, 2010), utilizando itens do acervo enquanto objetos sociotransmissores (CANDAU, 2011), por servirem como gatilhos de memórias e devido ao potencial simbólico de criar conexões entre as pessoas, substrato para a construção das identidades sociais.

No mês de Junho de 2016, o Café Com Memórias teve como temática central brincadeiras, danças, músicas e alimentos utilizados durante os festejos juninos em Morro Redondo, desvelando histórias e memórias que serviram para orientar a mateada junina no Museu – objeto da presente comunicação.

Ao pesquisar a origem de alimentos servidos durante os festejos juninos, verificou-se a presente apropriação da alimentação indígena através do consumo da erva-mate e de alimentos a base de amendoim, milho, aipim e batata-doce¹. Sendo o museu lugar de negociação identitária, comunicar a apropriação cultural indígena em um local onde a maioria dos moradores não reconhece a presença deste elemento étnico como constituinte da formação cultural é algo que gera conflitos e estranhamentos. O fato de ser uma arena em que os atores-sociais estão em constante disputa por signos, símbolos, poderes, identidades, memórias, faz do Museu um lugar de provocação, sobretudo para a equipe, que assume objetivo de equacionar esse campo de tensão por intermédio dos processos comunicativos. Como tratar do passado da Cidade, por intermédio das etnias indígenas, em um lugar em que essa memória tende ao esquecimento voluntário? Como resolver um problema como esse dentro dessa realidade? Este foi o desafio que o trabalho comunitário nos trouxe, e que buscamos neste resumo relatar.

Para buscarmos soluções a esse problema, apoiamo-nos em CHAGAS (2002) ao afirmar que:

“Nos grandes museus nacionais e nos pequenos museus voltados para o desenvolvimento de populações e comunidades locais (...) o jogo da memória e do poder está presente, e em consequência participam do jogo o esquecimento e a resistência”.

Por respeitarmos a ética museal, sobretudo, por comungarmos com a prática da pedagogia museológica, que busca despertar olhares através da construção de uma relação dialógica entre o Museu e as comunidades, adotamos aqui o conceito de Educação Para o Patrimônio enquanto metodologia de trabalho. Educar para o patrimônio, segundo Grinspum (2000), redonda em ofertar aos diversos públicos a possibilidade de interpretar e atribuir os mais diversos sentidos à determinado bem patrimonial – seja ele uma coleção, um artefato, ou mesmo fenômenos naturais ou sociais. Este conceito configura-se como um contraponto da Educação Patrimonial, que, por demais das vezes, engessa a fluidez das atividades por seu caráter normativo. Relatar a forma encontrada para introduzir a temática indígena nesse contexto, representa o segundo objetivo deste trabalho.

2. METODOLOGIA

O conteúdo comunicado durante a Mateada Junina foi construído, principalmente, durante o Café com Memórias realizado no mês de Junho, do corrente ano. Importa grifar que foram os próprios idosos que selecionaram os objetos museológicos que evocavam memórias relativas aos festejos juninos morrorredondenses, em épocas pretéritas. A equipe do projeto respeitou, assim, o

¹ Visando introduzir a temática indígena ao contexto local através do uso da Educação para o Patrimônio, foram realizadas, no ano de 2015, durante a Primavera dos Museus, ações educativas com alunos da rede pública de ensino e a primeira exposição temática acerca da contribuição indígena para a região. Contamos, para isso, com o empréstimo do acervo pedagógico do LEPAARQ – Laboratório de Ensino da Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas.

desejo dos participantes em reativar as memórias tendo como referência os objetos do museu, utilizados como gatilhos para a construção das narrativas. Nesse aspecto, concordamos com Bosi (1994) quando afirma que memória não é sonho, é trabalho. Na velhice, portanto, a construção dessas narrativas desempenha distinta função social.

Através do diálogo intergeracional e de momentos lúdicos, os idosos e as crianças matriculadas nas duas instituições públicas de ensino existentes no município reviveram as principais danças, brincadeiras e, através de uma relação sensorial, degustaram alimentos típicos. Ocorreu igualmente a visita da exposição, na qual buscamos relacionar os artefatos indígenas aos modos de vida contemporâneos e às narrativas coletadas durante o Café com Memórias, oferecendo a possibilidade de as pessoas construírem sua própria imagem sobre o passado da cidade, e de criar uma moldura semântica pela qual observariam a si próprios.

As atividades educativas planejadas e desenvolvidas de forma colaborativa são baseadas na concepção de SANTOS (2008) por considerarmos que não ficam restritas à produção de um produto final destinado a educandos e, sim, a um processo contínuo no qual todos os envolvidos são beneficiados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do protagonismo das comunidades, o Museu transformou-se em um palco para a exibição de músicas de bandinhas alemãs com os componentes de bandas locais - que atraíram vários casais para a dança. As crianças embaladas pelas músicas tocadas formaram duplas para reviverem a “dança com a laranja”, tendo sido identificada a dupla vencedora.

Várias brincadeiras incentivaram a participação dos visitantes, dentre elas: a pescaria, a cadeia, a corrida de saco, a corrida do ovo na colher, o jogo de argolas, o assar milho na fogueira simbólica. Outros ambientes interativos foram criados, tais como: o cenário para a “self junina no Museu”; o espaço destinado às expressões artísticas das crianças através de desenhos e pinturas livres sobre o tema e o painel para fixação de fotografias trazidas pelos visitantes e que representavam os festejos juninos. Todos eles atraíram a atenção de várias pessoas.

Buscando trazer os indígenas enquanto grupo étnico contribuidor para formação da diversidade cultural morrorredondense utilizou-se a alimentação como viés de aproximação das variadas etnias locais. Para isso, optamos por utilizar da pedagogia museológica, baseada no despertar de olhares e incentivo ao livre reconhecimento identitário e não por imposição de uma verdade histórica.

Para contextualizar o tema foi montada uma mesa de alimentos típicos destinados ao consumo, tendo sido expostos em conjunto com alguns objetos museológicos que serviram de gatilho de memórias para os idosos. Os objetos utilizados para compor a mesa foram: o rádio (tocavam as músicas das bandinhas), a lamparina a gás (iluminava o caminho e os bailes juninos), o moedor de grãos (moía o amendoim utilizado na elaboração da rapadurinha junina).

Durante a exposição temática foi representada a cadeia produtiva do milho, do aipim, da batata-doce e do amendoim envolvendo o plantio, a coleta e processos de manufatura desses alimentos. Utilizaram-se os seguintes objetos: um plantador de grãos, gamela, debulhador de milho, fogão e utensílios de cozinha usados na confecção de alimentos etc.

Visando conectar a exposição temática com a exposição sobre a Água, Memória e Vida – inaugurada durante a 14ª Semana de Museus - foi utilizada, nos ninhos correlacionados, a imagem de uma gota d'água personificada que foi intitulada pelas crianças como “Zé da Sanga”.

4. CONCLUSÕES

A Mateada Junina no Museu serviu para demonstrar que trabalhar com memória, identidade e patrimônios, bem como lidar com um passado indígena em uma cidade em que a etnia é basicamente pomerana não é algo tão simples. Exige, sobretudo, um trabalho de despertar de olhares visando conseguir o reconhecimento da etnia “esquecida” pela sociedade local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1., n.1., jan/jun, 2009.

CHAGAS, M. Memória e Poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, n.19, p.35 –67, 2002

CURY, M. X. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico–metodológica para os museus. In: **História, Ciências, Saúde**. Volume 12 (suplemento), p.365-380. Rio de Janeiro, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007, 168 p.

GRINSPUM, Denise. Educação para o patrimônio: Museu de Arte e Escola – Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, USP, São Paulo.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431245>> Acessado em 3 de abril de 2016.

PEREZ, M.P.; ALMEIDA, M.H.M. O processo de revisão de vida em um grupo como recurso terapêutico para idosos em Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup.** Universidade de São Paulo, v.21, n.3, p.223-229, set./dez. 2010.

ROQUE, Maria Isabel. Comunicação no museu. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa. (Orgs.). **Museus e Comunicação: Exposição como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museus Histórico Nacional, 2010. p. 46-68.

SANTOS, M. C. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, educação e o museu**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.